geral

Editor: Deivison Ávila
geral@jornaldocomercio.com.br

Defesa Civil registra mais de 20 mil pessoas afetadas por tempestades

Maioria das ocorrências no RS foram relacionadas a granizo, vendavais e chuvas intensas

/ CLIMA

Ana Gonzalez
ana.teixeira@jcrs.com.br

Mais de 20 mil pessoas foram afetadas pelos temporais registrados no Rio Grande do Sul desde domingo. De acordo com balanço da Defesa Civil divulgado na tarde de ontem, foram registrados danos em 84 municípios gaúchos.

Em todo Estado, 20 pessoas ficaram feridas em decorrência das tempestades; 15 ferimentos foram registrados na cidade de Nova Prata; dois em Espumoso; um em Passa Sete; um em Santo Ângelo e um em Água Santa. Os temporais também deixaram 75 pessoas desabrigadas e 74 desalojadas. Até o momento, não foram registrados óbitos ou pessoas desaparecidas.

A maioria das ocorrências registradas pela Defesa Civil está relacionada a granizo, vendavais, chuvas intensas, enxurradas e raios.

Os municípios mais afetados foram os das regiões Norte e Noroeste do Estado, mas também há registros de danos pelas chuvas na região Central e em outras áreas do Rio Grande do Sul.

Em Passo Fundo, o Departamento de Desastres da Defesa Civil Estadual está mobilizado para dar suporte ao município e à Coordenadoria Regional que atende a região Norte. A chuva na região provocou alagamentos generalizados e danos à infraestrutura urbana, segundo a Metsul Meteorologia. A precipitação acumulada em 24 horas chegou a 166,8 milímetros na cidade, maior volume de chuva entre as regiões monitoradas pela Defesa Civil.

PREFEITURA DE SANANDUVA/DIVULGAÇÃO/JC



Em Sananduva, foram 130 mm de chuva em apenas uma hora

Outro exemplo foi Sananduva. Depois de registrar 66 milímetros de chuva durante a madrugada, o município enfrentou um volume ainda mais intenso por volta das 8h30min, quando aproximadamente 130 milímetros caíram em apenas uma hora. O grande acumulado provocou enxurradas e causou danos significativos tanto na área urbana quanto no interior do município.

Danos registrados pela Defesa Civil no Estado

- 20.042 pessoas afetadas;
- 20 pessoas feridas;
- 75 pessoas desabrigadas;
- 74 pessoas desalojada;
- 4 casas destruídas;
- 3.882 casas danificadas;
- 1.297 casas destelhadas;
- 35 casas alagadas;
- 41 estabelecimentos de ensino danificados;
- 9 estabelecimentos de saúde danificados;
- 22 prédios públicos atingidos;
- 80 estabelecimentos danificados

Nenhum óbito confirmado, em investigação ou desaparecido.

Previsão é de diminuição das chuvas

Segundo a Climatempo Meteorologia, a tendência é de diminuição gradual da instabilidade no RS a partir de hoje, quando as chuvas devem avançar para Santa Catarina e Paraná. Amanhã, a expectativa é de sol e tempo firme.



Centenário de Lutzenberger é debatido na Feira do Livro

/ FEIRA DO LIVRO

Andressa Pufal
andressap@jornaldocomercio.com.br

Há 50 anos, José Lutzenberger lançou um grito de alerta no seu Manifesto Ecológico Brasileiro, que trazia no título não uma afirmação, mas uma pergunta: Fim do Futuro? Foi durante uma viagem a Torres que o ecologista e engenheiro agrônomo concebeu a obra, que traz, em seu texto enxuto e didático, as problemáticas e as alternativas para uma sociedade que agia, segundo ele, de maneira autodestrutiva.

Meio século depois, o grito de Lutz está de volta ao debate. A Editora da Ufrgs acaba de reeditar e lançar em formato digital e gratuito a obra, que já está disponível para download pela plataforma Lume. O relançamento oficial ocorreu na terça-feira, em evento na Feira do Livro de Porto Alegre, promovido pela Matinal Jornalismo. A atividade debateu a atualidade do livro através de falas da filha do ambientalista, Lilly Lutzenberger, e do professor do Instituto de Geociências da Ufrgs e coordenador do Atlas Ambiental de Porto Alegre, Rualdo Menegat, com mediação de Luís Augusto Fischer.

No bate-papo, Lilly destacou que, no livro e na vida, seu pai apontava os erros do presente e os caminhos para um futuro melhor. O ecologista, que faria 100 anos no próximo 17 de dezembro, lutou durante toda a sua vida para que a ecologia fosse entendida como "uma ciência que busca manter o planeta funcional e fazer a manutenção da nossa própria sobrevivência, pois somos a espécie mais vulnerável", como diz a primogênita.

"O fim do futuro é muito mais provável para nós, humanos", afirma Lilly. "A Terra vai continuar seus ciclos, vai continuar existindo de alguma forma, mesmo se perder 90% de suas espécies. Aqueles 10% vão continuar e formar uma nova Terra, uma nova ecologia."

A pergunta-título continua em aberto e extremamente atual para o professor Rualdo Menegat. Em sua fala, o pesquisador afirmou que a vigência do texto não está no diagnóstico que antecipou a emergência climática que vivemos hoje, mas, sim, na afirmação de que vivemos em uma civilização industrial que consome os meios de sua própria existência.

"Ele identificou um caráter autodestrutivo, uma economia que converte matéria, energia e vida em mercadorias", destaca. "E os efeitos desta crise ambiental ganham sempre uma expressão local, de acordo com cada região em que se manifestam", explica o professor, ao afirmar que as características geológicas devem ser ponto central no processo de prevenção, para compreender que tipo de evento climático é mais esperado em cada local.

Para Menegat, os aspectos físicos do espaço geográfico do Rio Grande do Sul contribuíram para os alagamentos ocorridos em 2024, mas foram muito intensificadas pela ação humana, como a supressão de banhados e de matas-ciliares e pela intensificação do uso do solo, que acelera o escoamento hídrico.

Fugindo do "tom apocalíptico" comum nos anos 1970 e presente no Manifesto de Lutz, o professor afirma que há saídas. "Resiliência não pode ser apenas suportar impactos, reconstruir rapidamente ou adaptar as populações", diz.

"Precisa-se de condições para antecipar perigos e proteger a vida. Isto vem com a inteligência climática, que aproxima o conhecimento científico à experiência cotidiana. A paisagem não é externa à cultura: a cultura nasce do diálogo com ela e pode aprender a habitá-la."

Para que a pergunta não se torne afirmação neste futuro que chegou, precisamos nos desvencilhar da ideia de apocalipse e nos reconciliar com o nosso território e construir um novo horizonte, afirma Menegat. "Talvez não estejamos diante do fim do futuro como um todo, mas do esgotamento de um futuro dependente de um crescimento material ilimitado".